

# Manuel Bandeira – Cartas de meu avô

A tarde cai, por demais  
Erma, úmida e silente..  
A chuva, em gotas glaciais,  
Chora monotonamente.

E enquanto anoitece, vou  
Lendo, sossegado e só,  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.

Enternecido sorriso  
Do fervor desses carinhos:  
É que os conheci velhinhos,  
Quando o fogo era já frio.  
Cartas de antes do noivado...

Cartas de amor que começa,  
Inquieto, maravilhado,  
E sem saber o que peça.  
Temendo a cada momento

Ofendê-la, desgostá-la,  
Quer ler em seu pensamento  
E balbucia, não fala..  
A mão pálida tremia

Contando o seu grande bem.  
Mas, como o dele, batia  
Dela o coração também.  
A paixão, medrosa dantes,

Cresceu, dominou-o todo.  
E as confissões hesitantes  
Mudaram logo de modo.

Depois o espinho do ciúme...

A dor... a visão da morte...  
Mas, calmado o vento, o lume  
Brilhou, mais puro e mais forte.  
E eu bendigo, envergonhado,

esse amor, avô do meu...  
Do meu – fruto sem cuidado  
Que inda verde apodreceu.  
O meu semblante está enxuto.

Mas a alma, em gotas mansas,  
Chora, abismada no luto  
Das minhas desesperanças...  
E a noite vem, por demais

Erma, úmida e silente...  
A chuva em pingos glaciais,  
Cai melancolicamente.

E enquanto anoitece, vou  
lendo, sossegado e só,  
As cartas que meu avô  
Escrevia a minha avó.

**Manuel Bandeira, A Cinza das Horas**